



PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

BRUNA MAYARA SILVA AMARAL

A PRESENÇA DE TELAS NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

GOIÂNIA

2026

BRUNA MAYARA SILVA AMARAL

A PRESENÇA DE TELAS NO COTIDIANO DAS CRIANÇAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado para fins de avaliação e como requisito parcial, do curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob orientação da Profª Dra. Rita de Cássia Carvalho.

GOIÂNIA

2026

Resumo: O presente trabalho analisa os do uso de telas na primeira infância, considerando a presença crescente de dispositivos eletrônicos no cotidiano infantil tem transformado as formas de interação, aprendizagem e brincadeira, evidenciando a necessidade de refletir sobre os limites e as possibilidades do uso das tecnologias nessa fase do desenvolvimento humano. O estudo fundamenta-se em autores como Lev Vygotsky (1998), Diane Papalia e Ruth Feldman (2013), José Manuel Moran (2015) e Vani Moreira Kenski (2012), além de documentos da Sociedade Brasileira de Pediatria (2016; 2019). Os resultados apontam que o uso excessivo e sem mediação das telas pode reduzir experiências essenciais para a infância, como brincadeiras, interação social, comunicação e exploração do ambiente físico. Em contrapartida, quando utilizadas de forma equilibrada e acompanhadas por adultos, as tecnologias podem contribuir para a aprendizagem. Conclui-se que a mediação familiar e escolar é fundamental para promover um uso consciente das tecnologias digitais, garantindo que elas ocupem um papel complementar no cotidiano infantil.

Palavras-chaves: Primeira infância; Uso de telas; Cotidiano infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1 - O USO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O COTIDIANO INFANTIL	7
1.1 A presença do uso de telas no cotidiano infantil	9
1.2 Orientações institucionais acerca do uso de telas na infância	13
1.3 A “cyber-infância” e a substituição das experiências reais	15
1.4 Conteúdos digitais e padrões de consumo eletrônico	18
CAPÍTULO 2 - IMPACTOS DO USO DE TELAS NO COTIDIANO INFANTIL	21
2.1 Cotidiano infantil na primeira infância	22
2.2 Impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo e na atenção	26
2.3 Uso de telas e desenvolvimento da linguagem	28
2.4 A importância da mediação familiar no uso das tecnologias	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o avanço do uso de telas transformou significativamente a forma como as pessoas se comunicam, aprendem e interagem com o mundo. Dispositivos como smartphones, tablets, computadores e televisores passaram a fazer parte do cotidiano das famílias, influenciando diferentes aspectos da vida social. Nesse contexto, as crianças também passaram a ter contato cada vez mais precoce com esses recursos tecnológicos, o que tem gerado debates e reflexões sobre os impactos desse fenômeno no cotidiano infantil na primeira infância.

A presença das telas na rotina das crianças tornou-se cada vez mais comum, sendo frequentemente utilizada como forma de entretenimento, aprendizagem ou até mesmo como estratégia para auxiliar na organização da rotina familiar. No entanto, quando esse uso ocorre de forma excessiva ou sem a devida mediação de adultos, pode gerar preocupações relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, emocional, social e linguístico das crianças. Dessa forma, pesquisadores das áreas da educação, psicologia e saúde têm buscado compreender de que maneira o uso de telas influencia a vivência na infância.

A primeira infância, compreendida entre 0 a cinco anos de idade, é considerada um período fundamental para o desenvolvimento humano, pois é nessa fase que ocorrem importantes mudanças nas habilidades cognitivas, motoras, emocionais e sociais. As interações nesse período possuem grande influência na formação da personalidade, na construção da linguagem e no desenvolvimento das capacidades de aprendizagem. Assim, a forma como as crianças utilizam o uso de telas e o tempo dedicado a elas, tornam-se fatores relevantes para a compreensão das transformações que ocorrem na infância da contemporaneidade.

Diante desse cenário, surge a necessidade de refletir sobre o equilíbrio entre o uso das telas e as experiências essenciais para o cotidiano infantil, como o brincar, a interação social, a exploração do ambiente e a convivência familiar. Embora as tecnologias possam oferecer diferentes possibilidades de acesso à informação e entretenimento, é importante considerar os limites e as formas de utilização desses recursos, especialmente nos primeiros anos de vida.

Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar os impactos do uso de telas na primeira infância, considerando suas possíveis influências no cotidiano infantil, buscando compreender como a presença do uso das telas no cotidiano das crianças pode afetar aspectos relacionados à atenção, à linguagem, às interações sociais e à aprendizagem.

A escolha do tema justifica-se pela crescente presença do uso das telas na vida das crianças e pela necessidade de ampliar as discussões sobre seus efeitos no cotidiano infantil. Além disso, compreender essa realidade torna-se importante para auxiliar famílias e educadores na construção de práticas mais equilibradas e conscientes em relação ao uso das tecnologias na infância.

Para o desenvolvimento deste estudo, o trabalho está organizado em capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma discussão sobre a presença do uso das telas no cotidiano infantil, abordando conceitos relacionados à chamada “cyber-infância”¹, às recomendações de instituições de saúde sobre o uso de telas e aos padrões de consumo digital entre as crianças.

O segundo capítulo discute os possíveis impactos do uso de telas no cotidiano infantil, com destaque para aspectos cognitivos, linguísticos e sociais, além de abordar a importância da mediação familiar no uso das tecnologias.

Assim, espera-se que este estudo contribua para ampliar a reflexão sobre o uso das telas na infância, destacando a importância de um uso equilibrado e mediado, que respeite as necessidades de desenvolvimento das crianças.

¹ O termo **cyber infância** (ou ciberinfância) descreve a experiência das crianças que crescem imersas na cultura digital. Embora a tecnologia ofereça oportunidades de aprendizado, o uso excessivo de telas exige atenção, pois pode prejudicar o desenvolvimento cerebral e a saúde emocional das crianças.

CAPÍTULO 1

O USO DE TELAS NA PRIMEIRA INFÂNCIA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O COTIDIANO INFANTIL

O primeiro capítulo deste estudo propõe uma reflexão acerca da presença do uso das telas na vida das crianças e das implicações que o uso das telas pode gerar no cotidiano infantil durante a primeira infância, compreendida do período de 0 a 5 anos de idade. Considerando as profundas transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas, observa-se que dispositivos como smartphones, tablets, televisores e computadores passaram a ocupar um espaço cada vez mais significativo nas rotinas familiares, influenciando diretamente as formas de comunicação, aprendizagem, entretenimento e interação social. Nesse cenário, as crianças passaram a ter contato cada vez mais precoce com as tecnologias digitais, realidade que desperta debates importantes no campo da educação, da saúde e do desenvolvimento humano (KENSKI, 2012).

A infância na contemporaneidade encontra-se inserida em um contexto marcado pela conectividade e pelo acesso constante às mídias digitais. As telas passaram a integrar o cotidiano das crianças não apenas como instrumentos de entretenimento, mas também como recursos utilizados para aprendizagem, distração e organização das dinâmicas familiares. Diante disso, torna-se necessário compreender de que maneira essa presença intensa das tecnologias pode influenciar o cotidiano infantil, especialmente em uma fase do desenvolvimento em que o brincar, as interações sociais e a exploração do ambiente físico são fundamentais para a construção de habilidades cognitivas, emocionais e sociais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Partindo dessa realidade, o capítulo busca analisar como o uso das telas se consolidaram na rotina infantil e como a infância vem sendo ressignificada diante da cultura digital. Conforme destaca Kenski (2012), as tecnologias não atuam apenas como ferramentas de apoio, mas como elementos estruturantes da sociedade

contemporânea, transformando comportamentos, relações e práticas culturais. Assim, as crianças crescem em um contexto no qual o universo digital está presente desde os primeiros anos de vida, influenciando suas formas de brincar, aprender e interagir com o mundo ao redor.

Ademais, este capítulo dedica-se a examinar o fenômeno da “**cyber-infância**”, terminologia empregada para delimitar os contornos de uma geração cujo desenvolvimento é intrinsecamente perpassado pelas arquiteturas tecnológicas. Conforme as proposições de Dornelles (2005), as subjetividades infantis da atualidade são forjadas em uma imersão constante em interfaces mediadas por telas, fator que reconfigura, de maneira profunda, tanto os processos de socialização quanto as dinâmicas de apropriação do saber.

Dentro desse cenário, emerge a necessidade premente de analisar o deslocamento progressivo de vivências sensoriais e tangíveis a exemplo do brincar lúdico presencial, da exploração dos ambientes naturais e do convívio familiar direto em favor de um cotidiano regido por práticas de natureza eminentemente digital. Essa transição não apenas altera a rotina, mas impõe novas camadas de complexidade à compreensão do que significa crescer na era da hiperconectividade.

Outro aspecto que será abordado refere-se às recomendações de instituições da área da saúde e da educação acerca do uso de telas na infância. Diversos estudos têm alertado para os possíveis impactos da exposição excessiva e precoce às tecnologias digitais, especialmente quando ocorre sem acompanhamento adulto. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) enfatiza que o uso prolongado de telas pode interferir em aspectos importantes do cotidiano infantil, como a linguagem, o sono, a atenção e as relações sociais. Dessa forma, o capítulo discutirá a importância da mediação familiar e do estabelecimento de limites que favoreçam um uso mais equilibrado e consciente das tecnologias.

Sob essa perspectiva, também serão analisados os padrões de consumo de conteúdos digitais pelas crianças, considerando a crescente oferta de vídeos, aplicativos, jogos eletrônicos e plataformas voltadas ao público infantil. Moran (2015) ressalta que, embora as tecnologias possam ampliar possibilidades educativas e culturais, o uso excessivo e descontextualizado pode reduzir experiências essenciais

para o desenvolvimento humano. Assim, o debate não se restringe à presença das telas, mas envolve a qualidade dos conteúdos consumidos, o tempo de exposição e as formas de interação estabelecidas durante o uso.

Ao longo do capítulo, pretende-se evidenciar que o cotidiano infantil depende de múltiplas aprendizagens, especialmente aquelas construídas por meio das interações sociais, da brincadeira, da linguagem e da exploração ativa do ambiente. Vygotsky (1998) destaca que a aprendizagem ocorre por meio das relações estabelecidas com o outro, sendo a mediação social um elemento central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Nesse sentido, o uso isolado das tecnologias, sem diálogo ou acompanhamento, pode limitar o desenvolvimento na infância.

Assim, o capítulo busca promover uma reflexão crítica sobre os desafios impostos pela crescente inserção do uso das telas na vida das crianças. Embora as telas façam parte da realidade contemporânea e possam oferecer diferentes possibilidades de acesso à informação e ao entretenimento, torna-se indispensável pensar em formas equilibradas de utilização, que respeitem as necessidades próprias da primeira infância. Assim, pretende-se compreender como as tecnologias podem ser utilizadas de maneira consciente e mediada, sem prejudicar o desenvolvimento integral infantil (MORAN, 2015; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

1.1 A presença do uso das telas no cotidiano infantil

O tema inicial desta pesquisa dedica-se a investigar como o uso das telas se manifestam no cotidiano das crianças, observando o modo como as telas se tornaram parte indissociável da rotina infantil desde tenra idade. A partir desse cenário, discute-se as mudanças sociais que deram origem a uma infância cada vez mais imersa no mundo conectado, avaliando como isso impacta o brincar, os laços afetivos e o próprio aprendizado. Entende-se que tais recursos ocupam hoje um lugar estratégico na estrutura social, moldando hábitos culturais e pedagógicos (KENSKI, 2012). Embora as ferramentas digitais facilitem o alcance ao conhecimento, o contexto atual reforça a urgência de um uso pautado pelo equilíbrio e pelo acompanhamento constante (MORAN, 2015).

Somado a isso, este item se propõe a debater as diretrizes de órgãos de saúde e educação a respeito do tempo de tela, evidenciando como a mediação dos pais e o estabelecimento de limites claros são vitais para o crescimento saudável. Pretende-se, ainda, investigar o conceito de “cyber-infância”, que define uma geração inteiramente atravessada pelo digital (DORNELLES, 2005), observando de perto como as crianças de 0 a 5 anos consomem conteúdos eletrônicos. Tal reflexão parte da premissa de que o desenvolvimento ocorre por meio de trocas sociais, experiências táteis e estímulos diversos (VYGOTSKY, 1998; PAPALIA; FELDMAN, 2013). Disso decorre a urgência de se pensar em um ponto de equilíbrio, onde as tecnologias não soterram as vivências fundamentais e concretas que compõem o ser criança.

Nas últimas décadas, a forma como o uso das telas se desenvolveu na sociedade alterou profundamente a dinâmica da vida social, atingindo em cheio o universo das crianças. O uso de smartphones, tablets e televisores deixou de ser algo esporádico para integrar o próprio cerne do cotidiano familiar, estabelecendo novas lógicas de interação, diálogo e descoberta. Dentro desse cenário, as crianças na primeira infância assumem o papel de usuários em idades cada vez mais precoces, o que acaba por consolidar uma infância inteiramente atravessada pela onipresença das telas (KENSKI, 2012).

Segundo as reflexões de Kenski (2012), o uso das telas hoje não são apenas ferramentas, mas ocupam um papel estruturante na sociedade, moldando profundamente as esferas cultural, educativa e social. Essa configuração abre caminho para o que se pode chamar de uma infância conectada, onde o acesso ao universo digital se dá quase que simultaneamente aos primeiros passos da criança. Percebe-se, assim, que as vivências próprias da pouca idade ganham novos significados, à medida que o brincar e o aprender tradicionais passam a dividir espaço e tempo com a presença constante dos dispositivos eletrônicos (MORAN, 2015).

Sob esse prisma, percebe-se que o contexto do lar funciona como a principal porta de entrada das crianças no mundo digital. É comum que os dispositivos acabem sendo adotados como um recurso prático para o entretenimento, o manejo de momentos de agitação ou até para viabilizar a própria organização do dia a dia doméstico. Contudo, essa dinâmica, caso ocorra sem o devido acompanhamento ou

mediação, corre o risco de atropelar vivências que são vitais para o amadurecimento infantil (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Conforme apontado pela Sociedade Brasileira de Pediatria, o avanço das tecnologias tem impactado diretamente os hábitos e comportamentos das novas gerações, ampliando o tempo de exposição às telas desde a infância. Nesse sentido:

As tecnologias da informação e comunicação estão transformando o mundo à nossa volta e os comportamentos e relacionamentos de todas as pessoas. [...] Crianças e adolescentes fazem parte da geração digital e usam os dispositivos, aplicativos, videogames e a Internet cada vez mais em idades precoces e em todos os lugares (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016, p. 1).

Essa constatação reforça a ideia de que o uso das tecnologias está cada vez mais naturalizado no cotidiano infantil de acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria – SBP (2016). Para a SBP, o limite ideal de tempo de tela varia conforme a idade: 0 a 2 anos, nenhuma exposição a telas e; de 2 a 5 anos, máximo de 1 hora por dia, sempre com supervisão.

Um ponto que merece atenção especial é o quão cedo esse contato tem ocorrido. Dados atuais revelam que uma parcela considerável das crianças já manuseia dispositivos digitais antes mesmo de completar dois anos, o que acende um alerta sobre as consequências dessa exposição precoce. Conforme pontuam Papalia; Feldman (2013), a primeira infância é uma fase de extrema plasticidade e importância crítica; nela, as bases das competências cognitivas, emocionais e sociais são lançadas, sofrendo influência direta da qualidade das vivências nessa janela temporal.

Sob essa perspectiva, o uso de telas pode influenciar diretamente a maneira como a criança explora o mundo e constrói conhecimentos. Embora os recursos digitais possam oferecer estímulos variados e acesso a informações diversificadas, é necessário considerar que o cotidiano infantil depende, sobretudo, de interações, do brincar e da convivência social (VYGOTSKY, 1998).

Como enfatiza Vygotsky (1998), o aprendizado ocorre por meio das relações sociais e da mediação, sendo fundamental a participação de outros sujeitos no processo de construção do conhecimento. Dessa forma, o uso isolado de tecnologias,

sem interação humana significativa, pode limitar vivências essenciais ao desenvolvimento integral da criança.

Complementando essa visão, Moran (2015) pondera que, embora as tecnologias expandam os horizontes educativos, sua eficácia depende diretamente do equilíbrio e da intencionalidade com que são introduzidas. Sob essa ótica, o desafio central não reside na existência dos dispositivos eletrônicos em si, mas na maneira como eles são integrados ao cotidiano. Afinal, dependendo do contexto e da finalidade do uso, tais recursos podem tanto potencializar quanto comprometer o cotidiano infantil, reforçando a ideia de que a ferramenta é secundária à qualidade da mediação.

Também é preciso considerar como as próprias dinâmicas do brincar vêm sendo ressignificadas. Atividades que antes priorizavam o movimento corpóreo, a imaginação lúdica e a troca direta entre pares têm cedido espaço, de forma gradativa, aos jogos digitais e ao consumo de conteúdos audiovisuais. Essa transição acende um alerta sobre o desenvolvimento de habilidades motoras, sociais e criativas, visto que a imersão nas telas acaba por restringir as ricas oportunidades de exploração do espaço físico e o convívio presencial com outras crianças (KENSKI, 2012).

De forma complementar, é importante destacar que a presença do uso das telas também reflete transformações culturais mais amplas. A infância na contemporaneidade está inserida em um contexto de constante conectividade, no qual o acesso à informação é imediato e contínuo, exigindo novas formas de mediação por parte de adultos, especialmente familiares e educadores (MORAN, 2015).

Diante desse cenário, torna-se evidente que a presença do uso das telas no cotidiano infantil é uma realidade consolidada. No entanto, isso não elimina a necessidade de reflexão crítica sobre seus usos e implicações, considerando que o desenvolvimento saudável na primeira infância depende da combinação entre diferentes experiências, incluindo o brincar, a interação social e a exploração do mundo físico (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Dessa forma, debruçar-se sobre a onipresença das telas na infância exige o reconhecimento sensível de suas potencialidades, sem perder de vista os riscos que as acompanham. O grande desafio da atualidade reside em fomentar um uso que

seja, ao mesmo tempo, equilibrado e mediado por adultos, assegurando que as ferramentas digitais atuem como um suporte complementar e não como um substituto para as vivências essenciais ao desenvolvimento integral (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016).

1.2 Orientações institucionais acerca do uso de telas na infância

A presença cada vez mais intensa do uso das telas no cotidiano social tem impulsionado a formulação de recomendações por parte de instituições das áreas da saúde, da educação e da pesquisa, especialmente no que se refere ao uso de telas na primeira infância. Esse movimento se justifica pelo reconhecimento de que os primeiros anos de vida configuram um período sensível do desenvolvimento humano, no qual os estímulos exercem papel decisivo na constituição de habilidades cognitivas, emocionais e sociais (SOUSA; SOUSA, 2025).

Nesse contexto, diferentes pesquisas têm apontado que a exposição precoce e prolongada a dispositivos digitais pode acarretar implicações significativas para o cotidiano infantil, sobretudo quando ocorre sem a devida supervisão. Conforme evidenciado em recente revisão de literatura:

A exposição precoce e prolongada a dispositivos como smartphones, tablets e televisores influencia a construção de habilidades emocionais, cognitivas e sociais nesse período sensível do desenvolvimento infantil. Nota-se que o uso excessivo de tecnologias digitais por crianças de 0 a 2 anos pode comprometer o desenvolvimento neuropsicomotor, emocional, cognitivo e social, especialmente quando ocorre sem supervisão e em ambientes pobres em estímulos (SOUSA; SOUSA, 2025, p. 851).

À luz dessas evidências, as diretrizes das áreas da saúde e da educação são categóricas ao recomendar a restrição do tempo de exposição às telas para crianças de 0 a 5 anos de idade, com maior rigor nos primeiros anos de vida. Tal orientação fundamenta-se na compreensão de que o cotidiano infantil se constrói, prioritariamente, por meio de experiências táteis, interações sociais significativas e exploração ativa do mundo físico, dimensões que o estímulo digital, ainda que interativo, não consegue suprir em sua totalidade (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A literatura especializada ressalta que o ambiente no qual a criança está inserida exerce influência direta sobre seu desenvolvimento. Nesse sentido, as

interações estabelecidas com adultos e outras crianças, assim como as atividades vivenciadas no cotidiano, são elementos essenciais para a construção de aprendizagens significativas. Conforme afirmam Papalia; Feldman (2013):

O desenvolvimento humano é um processo complexo e multifacetado, que envolve mudanças físicas, cognitivas e psicossociais ao longo do ciclo de vida. Essas mudanças são influenciadas tanto pela hereditariedade quanto pelo ambiente, sendo as experiências vivenciadas nos primeiros anos de vida fundamentais para a formação de habilidades e competências que se estenderão ao longo de toda a vida (p. 37).

Sob essa perspectiva, as diretrizes atuais reforçam que a presença adulta constitui o eixo central no contato das crianças com o universo digital. Mais do que vigiar, o acompanhamento de pais ou responsáveis mostra-se indispensável para transformar o tempo de tela em uma experiência orientada, que privilegie interações com intencionalidade e evite o consumo passivo ou excessivo. Mediar, nesse contexto, extrapola a simples contagem de minutos, exigindo a seleção criteriosa de conteúdos adequados à faixa etária e, sobretudo, a participação ativa do adulto como interlocutor durante o uso (SOUSA; SOUSA, 2025).

Outro aspecto igualmente relevante, enfatizado pelas diretrizes orientadoras, refere-se à necessidade de equilibrar o uso das telas com outras vivências fundamentais ao cotidiano infantil. O brincar, por exemplo, ultrapassa a condição de entretenimento e constitui-se como base para o desenvolvimento da linguagem, da criatividade e das competências sociais. Nessa mesma direção, o convívio familiar, a exploração sensorial do ambiente e as interações face a face permanecem como elementos que nenhuma tela é capaz de substituir, configurando-se como pilares essenciais de uma infância saudável (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A centralidade das mídias na vida contemporânea também tem sido amplamente discutida na produção acadêmica. Ao analisar as transformações da infância, Buckingham (2006) destaca o papel crescente dos meios de comunicação no cotidiano das crianças:

Em todas as sociedades industrializadas e também em muitos países em desenvolvimento as crianças hoje passam mais tempo em companhia dos meios de comunicação do que com seus familiares, professores e amigos. As crianças parecem cada vez mais viver 'infâncias midiáticas': suas experiências diárias são repletas das narrativas, imagens e mercadorias produzidas pelas grandes corporações globalizadas de mídia (BUCKINGHAM, 2006, p. 5).

Essa constatação evidencia que o uso de telas está profundamente integrado à infância na contemporaneidade, o que torna ainda mais necessária a existência de orientações que promovam um uso equilibrado e consciente. Nesse sentido, as recomendações não defendem a exclusão das tecnologias digitais, mas a construção de práticas que considerem as necessidades do cotidiano infantil e os riscos associados ao uso excessivo (BUCKINGHAM, 2006).

Além da limitação do tempo de exposição, os documentos orientadores ressaltam a relevância da qualidade dos conteúdos acessados. Conteúdos educativos, interativos e adequados à faixa etária podem contribuir para o desenvolvimento, desde que utilizados de maneira mediada. Em contrapartida, o consumo excessivo de conteúdos passivos pode comprometer aspectos importantes do desenvolvimento, como a atenção, a linguagem e a interação social (SOUSA; SOUSA, 2025).

1.3 A “cyber-infância” e a substituição das experiências reais

A consolidação do uso das telas no cotidiano contemporâneo contribuiu para o surgimento de um novo modo de vivenciar a infância, frequentemente denominado de “cyber-infância”. Esse conceito refere-se a uma geração que cresce imersa em ambientes digitais, nos quais as interações, o brincar e até mesmo os processos de aprendizagem passam a ocorrer, em grande medida, mediados por telas. Tal fenômeno não se limita ao simples acesso às tecnologias, mas envolve mudanças profundas nas formas de interação, socialização e construção do conhecimento na infância (SABAG; ARANA, 2025).

Nesse contexto, observa-se que a presença de dispositivos eletrônicos tem promovido uma gradual substituição das experiências concretas por vivências virtuais. Atividades tradicionalmente associadas ao cotidiano infantil como brincar ao ar livre, interagir com outras crianças e explorar o ambiente físico passam a dividir espaço com práticas mediadas por telas, o que pode impactar diretamente a qualidade dessas experiências. O cotidiano infantil depende de estímulos variados e da interação com o meio social, sendo essas experiências fundamentais para a construção de habilidades cognitivas, emocionais e sociais (SABAG; ARANA, 2025).

A esse respeito, estudos apontam que o uso excessivo de uso das telas pode reduzir significativamente as oportunidades de interação social, elemento essencial para o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, evidencia-se que:

o uso de dispositivos eletrônicos na infância além do recomendado para cada faixa etária ocasiona em diversos efeitos negativos. As principais consequências apresentadas pelos estudos analisados são transtornos do comportamento, comprometimento do desenvolvimento neuropsicomotor, isolamento social, problemas de saúde físicos e mentais, atraso na linguagem e dependência digital, entre outros (SABAG; ARANA, 2025, p. 218).

A citação evidencia a importância das interações para o desenvolvimento. A chamada cyber-infância, portanto, caracteriza-se não apenas pela presença das tecnologias, mas pela centralidade que elas assumem nas vivências infantis, reorganizando o tempo e as formas de interação das crianças (SABAG; ARANA, 2025).

Soma-se a isso o alerta recorrente na literatura sobre como o excesso de tempo de tela pode silenciar aspectos vitais do amadurecimento, atingindo a fluência da linguagem, a acuidade da atenção e as competências de socialização. Quando o mergulho no ambiente digital se torna prolongado, nota-se uma retração natural na participação em atividades de troca real, o que muitas vezes resulta em barreiras para a construção de vínculos afetivos e sociais profundos. No limite, esse isolamento mediado por dispositivos acaba por repercutir na integridade do desenvolvimento global da criança (CHAVES et al., 2024).

Desvantagens incluem atrasos cognitivos, problemas de concentração e comportamento, e excesso de peso. [...] Mais de 45% das crianças excedem o tempo de tela recomendado pela OMS, afetando vocabulário, interação social e sono (p. 2).

Essa realidade evidencia que a substituição de vivências concretas por estímulos digitais pode limitar o desenvolvimento de competências fundamentais, uma vez que o aprendizado na infância ocorre, sobretudo, por meio da ação, da experimentação e da interação com outras pessoas (CHAVES et al., 2024).

É preciso considerar, ainda, a natureza predominantemente inativa de muitas atividades mediadas pelas telas. Ao contrário do brincar tradicional, que exige fôlego, imaginação e um papel ativo na criação de mundos, o uso de dispositivos digitais acaba, com frequência, posicionando a criança como mera espectadora. Esse cenário

enfraquece o protagonismo infantil nos processos de aprendizagem e na descoberta do entorno (CUNHA et al., 2024). Como bem definem Fernandes; Eisenstein; Silva (2018, p. 219), essa interação tecnológica muitas vezes não passa de "uma distração inativa e muito diferente do brincar ativo que faz parte do desenvolvimento das crianças".

Sob essa ótica, a chamada "cyber-infância" corre o risco de estreitar o repertório infantil que impulsionam o domínio motor, a autonomia e a inventividade pilares que sustentam essa etapa vital do crescimento. Quando o espaço das brincadeiras lúdicas e das trocas interativas é cedido a práticas digitais mecânicas e de baixo teor estimulante, o que se coloca em xeque é o próprio desenvolvimento integral da criança (CUNHA et al., 2024). Essa substituição silenciosa priva o indivíduo de vivências orgânicas que nenhuma interface virtual, por mais tecnológica que seja, é capaz de replicar plenamente.

Entretanto, é importante destacar que as telas não são, por si só, prejudiciais. Seu impacto está diretamente relacionado à forma como são utilizadas. Quando mediadas de maneira consciente, podem contribuir para o desenvolvimento de determinadas habilidades, como o acesso à informação e o estímulo à linguagem. Contudo, o problema reside no uso excessivo e na substituição de vivências essenciais por atividades digitais, o que reforça a necessidade de equilíbrio no uso dessas ferramentas (CHAVES et al., 2024).

Diante desse panorama, o papel da família consolida-se como o eixo central para equilibrar o uso tecnológico, impedindo que os dispositivos ocupem o espaço de vivências que são a própria essência da meninice. O olhar atento dos adultos, aliado ao brincar livre e à convivência social, permanecem como pilares inegociáveis para um crescimento saudável. Afinal, as marcas deixadas pelas experiências dessa fase atuam como alicerces diretos na construção das capacidades cognitivas, na inteligência emocional e na desenvoltura social da criança (SABAG; ARANA, 2025).

Portanto, a análise da cyber-infância revela um cenário complexo, marcado por avanços tecnológicos e desafios significativos para o cotidiano infantil. A substituição das experiências reais por vivências digitais exige reflexão crítica por parte de famílias, educadores e da sociedade, no sentido de promover um uso equilibrado das

tecnologias. Assim, torna-se fundamental garantir que as telas não ocupem o lugar das interações humanas, do brincar e da exploração do mundo físico, elementos indispensáveis para a formação integral da criança (CHAVES et al., 2024).

1.4 Conteúdos digitais e padrões de consumo eletrônico

O avanço do uso de telas tem promovido transformações significativas nos modos de consumo de conteúdos eletrônicos, alcançando de forma cada vez mais intensa o público infantil. Na primeira infância, observa-se a inserção precoce das crianças em ambientes digitais, por meio do acesso a vídeos, jogos eletrônicos, aplicativos e plataformas de streaming, que passam a integrar o cotidiano familiar. Segundo Kenski (2012), as telas assumem um papel central na sociedade contemporânea, influenciando práticas culturais, educacionais e sociais, o que contribui para a consolidação de novos hábitos de consumo desde os primeiros anos de vida.

Os conteúdos digitais direcionados às crianças caracterizam-se, em grande parte, pela utilização de estímulos visuais e sonoros intensos, como cores vibrantes, movimentos rápidos e narrativas curtas, elementos que favorecem a captação imediata da atenção infantil. De acordo com Moran (2015), embora esses recursos possam despertar interesse e curiosidade, o consumo frequente e pouco mediado tende a estimular uma relação inativa com o conteúdo, limitando processos reflexivos e experiências mais profundas de aprendizagem, especialmente quando substituem interações presenciais e brincadeiras livres.

Dentro dessa realidade, o consumo de conteúdos digitais na infância acaba, muitas vezes, atrelado a uma lógica de entretenimento ininterrupto. É frequente que os dispositivos surjam como um recurso para preencher o tempo das crianças ou até para viabilizar a complexa gestão da rotina doméstica. Conforme ponderam Papalia; Feldman (2013), ainda que tal prática seja compreensível diante das pressões do dia a dia, a troca constante de trocas interativas por estímulos de tela pode gerar ruídos no amadurecimento cognitivo, emocional e social. Isso ocorre porque o excesso digital subtrai chances vitais de exploração do mundo físico e, principalmente, do convívio genuíno com o outro.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) alerta para os impactos do consumo excessivo de conteúdos digitais na infância, enfatizando que a exposição prolongada às telas pode comprometer experiências fundamentais ao desenvolvimento integral da criança. Conforme o documento institucional:

A exposição precoce e prolongada às telas pode interferir no desenvolvimento neurológico, cognitivo e emocional da criança, pois reduz o tempo destinado a atividades essenciais, como o brincar livre, a interação familiar, o contato com o ambiente físico e as experiências sensoriais indispensáveis à primeira infância (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016, p. 3).

Essa perspectiva reforça a necessidade de analisar não apenas o tempo de exposição, mas também a qualidade e a intencionalidade dos conteúdos consumidos.

Vale pontuar, ainda, o impacto que os padrões de consumo eletrônico exercem sobre a capacidade de atenção e a autorregulação das crianças de 0 a 5 anos. O contato recorrente com conteúdos digitais marcados por estímulos velozes e sucessões frenéticas de imagens pode acabar sabotando o desenvolvimento da concentração e a persistência em tarefas que demandam um fôlego cognitivo maior. Conforme observa Moraes Filho (2024), esse uso desmedido de telas na primeira infância caminha lado a lado com obstáculos na organização do pensamento e no equilíbrio emocional, agravando-se consideravelmente quando a criança navega por esses meios sem a presença mediadora e o suporte de adultos responsáveis.

Sob a perspectiva sociocultural, Vygotsky (1998) enfatiza que o cotidiano infantil ocorre por meio das interações sociais e da mediação realizada por outros sujeitos mais experientes. Assim, quando o consumo de conteúdos digitais acontece de forma isolada, sem diálogo ou compartilhamento, pode limitar a construção de habilidades sociais e linguísticas. Para o autor, a aprendizagem se dá na relação com o outro, o que pode se depreender que o uso individualizado das telas não substitui as experiências de interação humana necessárias ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

É importante ressaltar que os conteúdos digitais não devem ser compreendidos exclusivamente como prejudiciais ao cotidiano infantil. Kenski (2012) afirma que, quando utilizados de forma consciente, planejada e mediada, esses recursos podem ampliar o repertório cultural das crianças e favorecer experiências educativas

significativas. No entanto, a autora destaca que o simples acesso à tecnologia não garante aprendizagem, sendo fundamental considerar os contextos de uso e as interações estabelecidas durante o consumo dos conteúdos.

Dessa forma, compreender os padrões de consumo eletrônico na primeira infância implica analisar como, quanto e com que finalidade as crianças utilizam dispositivos digitais. Esses padrões incluem, por exemplo, o tempo excessivo de exposição às telas, o uso precoce de smartphones, tablets e televisores, o consumo majoritariamente passivo de vídeos e aplicativos, bem como a ausência de mediação adulta durante essas experiências. Moran (2015) destaca que o equilíbrio entre vivências digitais e experiências concretas é condição essencial para um desenvolvimento saudável, ressaltando a importância da mediação familiar e educativa nesse processo. Assim, torna-se fundamental que o uso das tecnologias seja orientado de forma consciente, respeitando o tempo próprio da infância e priorizando experiências que favoreçam a interação, a imaginação e a construção de aprendizagens significativas.

CAPÍTULO 2

IMPACTOS DO USO DE TELAS NO COTIDIANO INFANTIL

O segundo capítulo deste estudo tem como objetivo discutir os impactos do uso de telas no cotidiano infantil, considerando especialmente os efeitos da exposição precoce e excessiva às telas durante a primeira infância. Em uma sociedade cada vez mais conectada, dispositivos como smartphones, tablets e televisores passaram a fazer parte da rotina das crianças desde os primeiros anos de vida, influenciando suas formas de brincar, aprender e interagir. Nesse contexto, pesquisadores das áreas da educação, psicologia e saúde têm buscado compreender como o uso contínuo das telas pode interferir no desenvolvimento cognitivo, emocional, linguístico e social das crianças (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A primeira infância é reconhecida como um período fundamental para o desenvolvimento humano, pois é nessa fase que se consolidam habilidades essenciais relacionadas à linguagem, à aprendizagem, à socialização e à construção das emoções. Conforme afirmam Papalia; Feldman (2013):

O desenvolvimento humano envolve mudanças físicas, cognitivas e psicossociais ao longo da vida. As experiências vividas nos primeiros anos são fundamentais para a formação das habilidades, dos vínculos afetivos e das competências que acompanharão o indivíduo durante todo o seu desenvolvimento (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 37).

Dessa forma, o presente capítulo discutirá como o uso excessivo do uso de telas pode impactar processos importantes do cotidiano infantil, especialmente quando substitui experiências fundamentais como o brincar, as interações sociais e a exploração do ambiente físico. Além disso, serão abordados os impactos do uso de telas no desenvolvimento cognitivo e na atenção das crianças. Estudos apontam que a exposição prolongada a conteúdos digitais altamente estimulantes pode interferir na concentração, na memória e na capacidade de autorregulação infantil. Conforme destacam Chaves et al. (2024):

O uso excessivo de telas na infância pode ocasionar dificuldades de atenção, alterações comportamentais e prejuízos nas interações sociais e no desenvolvimento cognitivo, especialmente quando associado à redução de experiências essenciais ao desenvolvimento saudável da criança (CHAVES et al., 2024, p. 2).

Sob essa ótica, o presente capítulo ainda propõe uma reflexão crítica sobre a como a onipresença das interfaces digitais podem atuar restringindo e até cerceando ocasiões vitais de interatividade, ludicidade e experimentações empíricas que fundamentam o cotidiano infantil. Paralelamente, a discussão estende-se à evolução da linguagem, sublinhando o papel imprescindível das trocas sociais nesse percurso formativo.

Assim, o capítulo analisará como o uso excessivo de telas, especialmente sem mediação adulta, pode reduzir momentos de diálogo e interação verbal, fundamentais para o desenvolvimento da comunicação infantil. Também será discutida a importância da mediação familiar no uso das tecnologias digitais. A literatura evidencia que o impacto das telas depende não apenas do tempo de exposição, mas também da forma como esses recursos são utilizados. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2016) ressalta:

A mediação dos pais e responsáveis é fundamental para promover hábitos saudáveis no uso das tecnologias, garantindo equilíbrio entre o tempo de tela e outras atividades essenciais ao desenvolvimento infantil, como o brincar, a convivência familiar e a interação social (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016, p. 4).

Dessa maneira, este capítulo pretende promover uma reflexão crítica sobre os desafios relacionados ao uso de telas na infância, destacando a necessidade de equilíbrio entre as telas e as experiências fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças (MORAN, 2015; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

2.1 O cotidiano infantil na primeira infância

primeira infância, compreendida entre 0 e 5 anos de idade, representa uma etapa fundamental para o desenvolvimento humano, pois é nesse período que estruturamos habilidades relacionadas aos aspectos cognitivos, motores, emocionais, sociais e linguísticos. As experiências vivenciadas nessa fase exercem influência significativa sobre a aprendizagem, a construção da personalidade e as formas de interação social da criança. Conforme afirmam Papalia e Feldman (2013), “as experiências dos primeiros anos de vida possuem impacto duradouro no

desenvolvimento humano” (p. 37), evidenciando a relevância das vivências infantis para a constituição das capacidades que acompanharão o indivíduo ao longo da vida.

Compreendemos que o cotidiano infantil ocorre de maneira integrada, envolvendo mudanças físicas, cognitivas e psicossociais que se relacionam constantemente e interagem mutuamente. Durante a primeira infância, observamos que o cérebro apresenta elevada plasticidade, favorecendo a aprendizagem e a formação de conexões neurais a partir das experiências vividas pela criança. Segundo Papalia e Feldman (2013), “as experiências vividas nos primeiros anos são fundamentais para a formação das habilidades e competências” (p. 37), o que nos permite afirmar que o ambiente familiar, social e escolar exerce papel decisivo no cotidiano infantil.

Nesse contexto, entendemos que as interações sociais assumem grande importância para a construção do conhecimento e das capacidades emocionais da criança. Vygotsky (1998) destaca que o desenvolvimento humano ocorre por meio das relações estabelecidas com outras pessoas, sendo a interação social indispensável para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Conforme o autor, “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica” (VYGOTSKY, 1998, p. 115), o que evidencia a necessidade de experiências coletivas e interativas durante a infância.

No aspecto motor, observamos que o desenvolvimento depende diretamente da movimentação corporal e da exploração ativa do ambiente. Nos primeiros anos de vida, percebemos que a criança amplia gradativamente habilidades como engatinhar, andar, correr, pular, desenhar e manipular objetos. Essas experiências favorecem o fortalecimento muscular, a coordenação motora e a autonomia infantil. De acordo com o Centers for Disease Control and Prevention (2018), as experiências motoras diversificadas são essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças, pois contribuem para o aprimoramento das capacidades físicas e cognitivas.

Além das habilidades motoras, a exploração do ambiente também favorece o desenvolvimento cognitivo infantil. A criança aprende por meio da curiosidade, da experimentação e das descobertas realizadas em interação com o meio físico e social. Papalia; Feldman (2013) ressaltam que as crianças constroem conhecimentos, sendo

indispensável que tenham oportunidades de explorar objetos, brincar e interagir com outras pessoas ao longo da infância. O brincar ocupa papel central no cotidiano infantil, pois possibilita à criança experimentar o mundo, expressar sentimentos, desenvolver a imaginação e construir conhecimentos. Segundo Vygotsky (1998):

A brincadeira cria uma zona de desenvolvimento proximal na criança. Na brincadeira, a criança comporta-se além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; na brincadeira, é como se ela fosse maior do que é na realidade (VYGOTSKY, 1998, p. 134).

Essa perspectiva evidencia que as brincadeiras não representam apenas momentos de entretenimento, mas experiências fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança.

Por meio das brincadeiras, as crianças aprendem regras sociais, desenvolvem a criatividade e ampliam suas formas de comunicação e interação. Papalia; Feldman (2013) afirmam que o brincar favorece o desenvolvimento da autonomia, da imaginação e da resolução de problemas, além de contribuir para o fortalecimento das relações sociais e afetivas estabelecidas na infância. O desenvolvimento da linguagem também ocorre principalmente por meio das interações sociais e das experiências comunicativas vivenciadas pela criança. Conversas, músicas, histórias e brincadeiras constituem importantes estímulos para a ampliação do vocabulário e para a construção da expressão oral. Conforme Vygotsky (1998), a linguagem desenvolve-se nas relações sociais e constitui um dos principais instrumentos de mediação entre a criança e o mundo.

Nesse sentido, ambientes ricos em estímulos linguísticos favorecem significativamente o cotidiano infantil. Papalia; Feldman (2013) destacam que as crianças aprendem a comunicar-se a partir da convivência com adultos e outras crianças, sendo indispensável a presença de interações afetivas e dialógicas no cotidiano infantil. Dessa maneira, o desenvolvimento da linguagem está diretamente relacionado à qualidade das experiências sociais vividas pela criança.

Complementarmente, é imperativo considerar a relevância do desenvolvimento emocional e social durante a primeira infância, período em que a plasticidade psíquica exige substratos relacionais sólidos. Nessa perspectiva, Papalia; Feldman (2013) corroboram a ideia de que a qualidade dos vínculos estabelecidos precocemente atua

como um preditor do bem-estar futuro, exercendo influência direta sobre a gramática emocional do sujeito. Tais conexões primordiais delineiam os modelos internos que nortearão a capacidade da criança de gerir suas próprias emoções e de estabelecer interações interpessoais saudáveis e resilientes ao longo de toda a sua trajetória vital.

As interações sociais também favorecem aprendizagens relacionadas à cooperação, ao respeito e à convivência coletiva. Vygotsky (1998) afirma que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre inicialmente nas relações sociais para, posteriormente, internalizar-se no indivíduo. Assim, a convivência familiar e social constitui elemento indispensável para o desenvolvimento integral da criança.

Sob essa ótica, a infância constitui-se como um estágio de contínuas epifanias e assimilações cognitivas. Moran (2015) enfatiza que a maturação humana não é um evento isolado, mas o resultado de uma intersecção dialética entre o indivíduo, a cultura e o tecido social. Torna-se imperativo, portanto, fomentar cenários que privilegiem o protagonismo da criança, permitindo que ela atue de forma ativa na construção do próprio conhecimento. Depreende-se, com isso, que o cotidiano infantil transcende os determinismos biológicos, sendo profundamente modulado pela qualidade das experiências socioculturais acumuladas. Para que esse processo ocorra de maneira plena e saudável, é indispensável a oferta de um ecossistema de aprendizagem diversificado, que contemple a ludicidade, a corporeidade, o intercâmbio social e a investigação direta do espaço físico. Nessa mesma linha interpretativa, Papalia; Feldman (2013) reiteram que a imersão em vivências concretas e interativas é o motor que impulsiona as funções cognitivas, emocionais e sociais. Tais práticas não apenas estimulam habilidades isoladas, mas convergem para a formação holística do sujeito, garantindo que o crescimento intelectual caminhe em sintonia com a maturidade psicossocial.

Dessa maneira, compreender o cotidiano infantil na primeira infância implica reconhecer a importância das experiências sociais, afetivas e culturais para a construção das habilidades humanas. Conforme Vygotsky (1998), a aprendizagem ocorre por meio das interações e da mediação social, evidenciando que a infância deve ser marcada por vivências que favoreçam o diálogo, o brincar, a convivência e a participação ativa da criança no mundo ao seu redor.

2.2 Impactos do uso excessivo de telas no desenvolvimento cognitivo e na atenção

O desenvolvimento cognitivo na infância envolve processos fundamentais como memória, linguagem, raciocínio, atenção e capacidade de resolução de problemas. Essas habilidades são construídas por meio das experiências vivenciadas pela criança em interação com o ambiente, com os objetos e com outras pessoas. Quando o uso de dispositivos digitais ocorre de forma excessiva, alguns estudos apontam possíveis impactos no desenvolvimento dessas capacidades cognitivas. Segundo Dimitri Christakis (2018), a exposição prolongada a conteúdos digitais altamente estimulantes pode interferir nos processos de atenção e concentração das crianças, especialmente durante a primeira infância.

Muitos conteúdos digitais são produzidos com estímulos visuais rápidos, cores intensas, sons constantes e mudanças frequentes de imagens, criando um padrão de hiperestimulação. Conforme destaca Dimitri Christakis (2018), esse excesso de estímulos pode dificultar a adaptação da criança a atividades que exigem maior tempo de concentração, como leitura, escuta, brincadeiras simbólicas e participação em atividades escolares. Dessa forma, a exposição contínua a conteúdos muito acelerados pode influenciar negativamente o desenvolvimento da atenção sustentada.

Somado a isso, nota-se que o excesso de tempo frente aos monitores acaba por ocupar o espaço de vivências vitais, como o ato de brincar, o reconhecimento do entorno e o convívio direto. Essa troca gera uma escassez de estímulos fundamentais para a maturação intelectual da criança. Papalia; Feldman (2013) enfatizam que a evolução da inteligência é indissociável de uma postura ativa, baseada na curiosidade e no contato direto com o mundo ao redor. Sob o ponto de vista das pesquisadoras, a construção do saber ganha muito mais força quando a criança se envolve em atividades lúdicas, manuseia materiais concretos e estabelece laços sociais nas diversas situações do seu dia a dia. Em suma, o conhecimento infantil se consolida na prática e no contato com a realidade, elementos que a passividade do entretenimento digital nem sempre consegue suprir.

Nesse sentido, o uso equilibrado do uso de telas torna-se essencial para garantir que as telas não substituam experiências fundamentais para o cotidiano infantil. Conforme afirma Moran (2015), as tecnologias devem atuar como ferramentas complementares no processo de aprendizagem, sem ocupar o lugar das experiências interativas e afetivas indispensáveis à infância. Assim, o equilíbrio entre atividades digitais e experiências presenciais contribui para um desenvolvimento cognitivo mais saudável.

Vale destacar, também, que a capacidade de foco não nasce pronta; ela se desenvolve aos poucos e precisa de estímulos que incentivem a escuta atenta, a persistência e o engajamento direto do pequeno. Práticas como o acompanhamento de narrativas, o envolvimento em jogos de regras, a montagem de objetos e a resolução de problemas cotidianos são motores que impulsionam essas funções cognitivas. Nessa perspectiva, a teoria de Vygotsky (1998) reforça que o crescimento intelectual é fruto da imersão no ambiente social e das vivências coletivas. Isso deixa claro que as atividades práticas e o contato interativo são peças-chave para que a criança desenvolva plenamente suas potencialidades, transformando o que é vivido externamente em ferramentas internas de pensamento.

Quando o uso das telas ocupa grande parte do tempo da criança, pode haver redução dessas experiências fundamentais para o desenvolvimento da atenção e da concentração. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) ressalta que o excesso de exposição às telas pode interferir na qualidade das experiências infantis, reduzindo o tempo destinado ao brincar, às interações sociais e às atividades que estimulam o desenvolvimento cognitivo de maneira mais ampla e significativa.

Adicionalmente, diversos estudiosos chamam a atenção para o risco de que a permanência excessiva em ambientes virtuais acabe comprimindo o tempo que seria destinado a práticas voltadas à inventividade e à capacidade de solucionar problemas. Atividades baseadas na construção, no exercício do imaginário, no "faz de conta" e na convivência com os pares são verdadeiros laboratórios para o florescimento de competências cognitivas fundamentais, como a autonomia, o raciocínio crítico e a originalidade. Nessa linha, Papalia; Feldman (2013) reiteram que o engajamento em situações lúdicas e interativas é um pilar indispensável para o amadurecimento completo do indivíduo. Para as autoras, é por meio dessa exploração ativa que se

consolidam as aprendizagens de fato significativas, garantindo que o desenvolvimento intelectual não seja apenas uma recepção inativa de dados, mas uma construção viva e integrada.

Além disso, alguns estudos apontam que o uso excessivo de telas pode estar associado a dificuldades na organização da rotina infantil. Crianças que passam muito tempo utilizando dispositivos digitais podem apresentar maior resistência para realizar outras atividades, como tarefas escolares, leitura, brincadeiras ou momentos de interação familiar. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), o estabelecimento de limites claros para o uso das tecnologias constitui uma estratégia importante para promover hábitos mais equilibrados e favorecer o desenvolvimento saudável das crianças.

Dessa forma, torna-se necessário compreender que o desenvolvimento cognitivo infantil depende da oferta de experiências diversificadas que envolvam interação social, brincadeiras, exploração do ambiente e participação ativa da criança em diferentes situações do cotidiano. Conforme destaca Vygotsky (1998), o desenvolvimento das funções cognitivas ocorre por meio das relações sociais e das experiências culturais vivenciadas pela criança. Assim, garantir equilíbrio entre o uso do uso de telas e as demais experiências da infância torna-se fundamental para a promoção de um desenvolvimento cognitivo saudável e integral.

2.3 Uso de telas e desenvolvimento da linguagem

O desenvolvimento da linguagem ocorre principalmente por meio das interações sociais e da comunicação estabelecida entre a criança e as pessoas ao seu redor. Conversas, brincadeiras, músicas, leituras e diferentes formas de interação contribuem significativamente para a ampliação do vocabulário e para a construção da comunicação oral. Segundo Lev Vygotsky (1998), a linguagem desenvolve-se a partir das relações sociais e das experiências culturais vivenciadas pela criança, sendo a interação humana indispensável para a construção do pensamento e da comunicação. Dessa maneira, as experiências comunicativas vividas no ambiente familiar e escolar exercem papel essencial no desenvolvimento linguístico infantil.

Quando o uso de telas ocorre de forma excessiva ou sem mediação adulta, pode haver redução significativa das oportunidades de interação verbal e social da criança. Em muitos casos, as crianças permanecem longos períodos assistindo a vídeos ou utilizando ¹aplicativos digitais de maneira inativa, sem participação ativa em processos de comunicação. Conforme destaca a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), a exposição excessiva às telas na primeira infância pode estar associada a atrasos no desenvolvimento da linguagem, especialmente quando o uso dos dispositivos substitui momentos de convivência familiar, brincadeiras e diálogos cotidianos. Nesse contexto, a limitação das interações presenciais pode comprometer experiências fundamentais para a aquisição da linguagem.

É importante destacar que o problema não está necessariamente na presença das tecnologias digitais, mas na forma como elas são utilizadas no cotidiano infantil. Segundo Moran (2015), as tecnologias podem ampliar possibilidades de aprendizagem quando utilizadas de maneira crítica, consciente e mediada pelos adultos. Assim, quando os conteúdos digitais são acompanhados pela família ou pelos professores e articulados com atividades educativas, podem contribuir para experiências significativas de aprendizagem e comunicação. Dessa forma, o uso equilibrado do uso de telas pode favorecer o cotidiano infantil sem substituir experiências essenciais de interação humana.

Nesse contexto, especialistas destacam que a qualidade das interações estabelecidas com a criança constitui um fator indispensável para o desenvolvimento da linguagem. Conversas, leituras, músicas, brincadeiras simbólicas e atividades que envolvem comunicação estimulam o vocabulário, a escuta e a capacidade de expressão oral. Conforme afirmam Papalia; Feldman (2013), ambientes ricos em estímulos linguísticos favorecem significativamente o desenvolvimento da comunicação infantil. Dessa maneira, quanto maiores forem as oportunidades de diálogo e interação no ambiente familiar e escolar, maiores serão as ² possibilidades de ampliação das habilidades linguísticas da criança. Outro fator relevante refere-se ao fato de que o desenvolvimento da linguagem depende da participação ativa da criança em situações reais de comunicação. Quando participa de diálogos, brincadeiras e interações sociais, a criança amplia gradativamente suas habilidades

² Cyber Infância

linguísticas, desenvolvendo maior capacidade de expressão, compreensão e comunicação. Conforme destaca Vygotsky (1998), a aprendizagem ocorre nas relações sociais e posteriormente é internalizada pela criança, evidenciando a importância das experiências interativas para o desenvolvimento humano. Entretanto, quando o uso das telas ocorre sem mediação adequada, muitas vezes a criança assume uma postura inativa diante dos conteúdos digitais, reduzindo as oportunidades de participação verbal e interação social.

Por essa razão, especialistas recomendam que o uso do uso de telas na infância seja acompanhado por adultos, que possam conversar com a criança, explicar os conteúdos apresentados e estimular sua participação ativa durante a utilização dos dispositivos. A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) enfatiza que a mediação familiar constitui elemento essencial para reduzir possíveis impactos negativos das telas no cotidiano infantil. Assim, o diálogo, o acompanhamento e a participação ativa dos responsáveis tornam-se fundamentais para garantir que as tecnologias ocupem um papel complementar na infância, sem substituir experiências indispensáveis para o desenvolvimento da linguagem e das relações sociais.

2.4 A importância da mediação familiar no uso das tecnologias

Diante da presença cada vez maior do uso de telas no cotidiano infantil, torna-se fundamental refletir sobre o papel da família na orientação do uso desses recursos. A mediação dos adultos é considerada um fator essencial para que as crianças utilizem as tecnologias de forma saudável, equilibrada e segura. Segundo Buckingham (2010), a mediação familiar envolve acompanhar o acesso das crianças aos conteúdos digitais, estabelecer limites de tempo e orientar o uso responsável das tecnologias. Esse acompanhamento possibilita que as experiências digitais sejam mais educativas, conscientes e adequadas ao cotidiano infantil.

Além disso, a participação dos responsáveis durante o uso das tecnologias pode transformar a utilização dos dispositivos em momentos de interação e aprendizagem. Assistir a vídeos juntamente com a criança, conversar sobre os conteúdos apresentados e relacioná-los às experiências do cotidiano constituem estratégias que favorecem o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico infantil. Conforme destacam Papalia; Feldman (2013), as interações afetivas e comunicativas

exercem papel essencial no desenvolvimento das capacidades cognitivas e emocionais da criança, especialmente durante a primeira infância.

Outro ponto de destaque diz respeito à estruturação da rotina no ambiente doméstico. A definição de períodos de desconexão, aliada ao estímulo a leituras, atividades ao ar livre e jogos cooperativos, é o que permite um contraponto saudável entre o avanço tecnológico e as experiências sensoriais. Esse equilíbrio é vital para que a tecnologia atue como ferramenta, e não como substituta das vivências primordiais da infância.

Reforçando essa perspectiva, as diretrizes da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) sugerem que o consumo de mídia digital seja sempre mediado por práticas que incentivem a proximidade familiar, o engajamento social e o lúdico. A premissa é clara: o amadurecimento pleno da criança é indissociável de um cotidiano rico em interações humanas e exploração física, elementos que formam a base de uma saúde emocional e cognitiva resiliente. A construção de um repertório de experiências diversificadas que unam o manuseio de objetos reais, o movimento do corpo e a troca simbólica com o outro é o que garante que o cotidiano infantil não seja negligenciado em prol da passividade das telas. A integração entre o aprender e o sentir, como defendido por Papalia, Feldman e Vygotsky, permanece como o alicerce insubstituível da formação humana.

Dessa forma, a mediação familiar desempenha um papel central na construção de hábitos saudáveis relacionados ao uso das tecnologias digitais. Segundo Moran (2015), as tecnologias devem ocupar um lugar complementar no cotidiano infantil, sem substituir experiências fundamentais para o desenvolvimento humano, como o brincar, a convivência social e as interações afetivas. Assim, o acompanhamento dos responsáveis torna-se indispensável para garantir um uso mais equilibrado e consciente dos dispositivos digitais.

Além da mediação familiar, a escola também pode contribuir significativamente para a formação de hábitos mais equilibrados no uso das tecnologias. Os educadores possuem importante papel na orientação de crianças e famílias quanto ao uso consciente dos recursos digitais, promovendo atividades pedagógicas que integrem as tecnologias de maneira crítica e reflexiva. Conforme afirma Moran (2015), o uso

pedagógico das tecnologias deve favorecer a participação ativa dos estudantes e ampliar possibilidades de aprendizagem, sempre associado à mediação dos educadores.

Nesse contexto, a parceria entre escola e família torna-se fundamental para que as crianças aprendam a utilizar as telas de maneira responsável e saudável. De acordo com Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano ocorre por meio das relações sociais e das interações estabelecidas no ambiente cultural. Dessa maneira, quando família e escola atuam conjuntamente na orientação do uso das tecnologias, contribuem para experiências mais significativas e adequadas ao cotidiano infantil.

Mais um elemento importante na mediação familiar refere-se à criação de regras claras para o uso das tecnologias dentro do ambiente doméstico. Estabelecer horários específicos para utilização dos dispositivos, evitar o uso de telas durante as refeições e priorizar momentos de convivência familiar constituem estratégias que favorecem uma relação mais equilibrada com a tecnologia. Conforme orienta a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), a definição de limites é essencial para reduzir possíveis impactos negativos relacionados ao uso excessivo das telas na infância.

Também é necessário incentivar atividades alternativas ao uso das tecnologias digitais. Brincadeiras ao ar livre, leitura de histórias, jogos educativos, práticas esportivas e atividades artísticas oferecem oportunidades ricas de aprendizagem, criatividade e interação social. Segundo Vygotsky (1998), o brincar possui papel fundamental no cotidiano infantil, pois favorece a imaginação, a construção de conhecimentos e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Dessa forma, quando as crianças têm acesso a diferentes experiências de interação, movimento e convivência social, as tecnologias passam a ocupar um lugar complementar em sua rotina, e não central. Conforme ressaltam Papalia; Feldman (2013) o desenvolvimento saudável na infância depende da oferta de experiências diversificadas que envolvam afeto, brincadeiras, comunicação e participação ativa da criança em seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo possibilitou compreender que o uso das telas na primeira infância constitui uma temática complexa e cada vez mais presente no contexto contemporâneo que vem provocando mudanças significativas nas formas de brincar, aprender, comunicar-se e interagir socialmente das crianças. Conforme destacaram Kenski (2012) e Moran (2015), as telas transformaram profundamente as formas de acesso à informação e de interação social, influenciando diretamente os processos educativos e as experiências vividas pelas crianças no cotidiano contemporâneo.

A primeira infância representa uma fase essencial para o desenvolvimento humano, considerando que é nesse período que se estruturam habilidades cognitivas, emocionais, motoras, linguísticas e sociais fundamentais para a vida em sociedade. Assim, as brincadeiras, a convivência familiar e as interações sociais assumem papel indispensável na formação integral da criança. Essa perspectiva reforça a compreensão de que a infância necessita ser marcada por experiências diversificadas que favoreçam a exploração do ambiente, a criatividade, o movimento corporal e as relações afetivas, aspectos fundamentais para o cotidiano infantil saudável, conforme nos indicaram Papalia; Feldman (2013).

O estudo também evidenciou que o uso excessivo de telas e dispositivos digitais podem ocasionar impactos significativos no cotidiano infantil, especialmente quando ocorre sem mediação adequada dos adultos. Entre os principais aspectos discutidos ao longo do trabalho, destacaram-se os possíveis prejuízos relacionados à atenção, à concentração, à linguagem, à socialização e ao desenvolvimento emocional das crianças. Conforme ressalta Dimitri Christakis (2018), a exposição prolongada a conteúdos digitais altamente estimulantes pode interferir no desenvolvimento da atenção e da concentração durante a infância. Nesse contexto, os estudos analisados apontaram que a substituição das brincadeiras, das interações presenciais e do convívio familiar pelo consumo excessivo de conteúdos digitais pode limitar experiências fundamentais para o cotidiano infantil. Segundo a Sociedade Brasileira de Pediatria (2016):

A exposição precoce e prolongada às telas pode interferir no desenvolvimento neurológico, cognitivo e emocional da criança, pois reduz o tempo destinado a atividades essenciais, como o brincar livre, a interação

familiar, o contato com o ambiente físico e as experiências sensoriais indispensáveis à primeira infância (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016, p. 3).

A partir dessa reflexão, torna-se evidente a necessidade de compreender que a infância depende de experiências concretas e interativas que favoreçam a construção das funções cognitivas, emocionais e sociais da criança (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019). Outro aspecto relevante discutido neste estudo refere-se ao desenvolvimento da linguagem e à importância das interações sociais nesse processo. As análises realizadas demonstraram que as crianças aprendem a comunicar-se principalmente por meio do diálogo, das brincadeiras, das narrativas e das relações estabelecidas com adultos e outras crianças. Sob essa perspectiva, Lev Vygotsky (1998) enfatiza que a aprendizagem ocorre por meio das relações sociais e da mediação cultural, sendo o contato humano indispensável para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Além disso, o estudo permitiu compreender que os impactos do uso das telas não dependem apenas do tempo de exposição às telas, mas também da qualidade dos conteúdos acessados e da forma como esses recursos são utilizados pelas crianças. Conforme Kenski (2012), as tecnologias podem favorecer experiências educativas significativas quando utilizadas de forma consciente, crítica e articuladas a processos de mediação pedagógica e interação social. Nesse sentido, a mediação familiar revelou-se um dos elementos centrais discutidos nesta pesquisa. A participação ativa dos responsáveis durante o uso das tecnologias mostrou-se fundamental para promover experiências mais equilibradas e saudáveis no cotidiano infantil.

Estabelecer limites, acompanhar os conteúdos acessados, incentivar brincadeiras e promover momentos de convivência familiar constituem estratégias importantes para garantir que as tecnologias ocupem um papel complementar na infância. De acordo com Buckingham (2006), a mediação familiar é indispensável para orientar o uso consciente do uso das telas pelas crianças. Além da família, a escola também possui papel relevante na construção de práticas mais conscientes relacionadas ao uso das tecnologias digitais. Os educadores podem contribuir para a formação crítica das crianças e das famílias, orientando o uso pedagógico e equilibrado dos recursos tecnológicos. Para Moran (2015), as tecnologias devem ser

utilizadas de maneira reflexiva e integrada ao processo educativo, favorecendo a participação ativa das crianças e a construção de aprendizagens significativas.

Outro ponto importante observado neste estudo refere-se à necessidade de ampliar as discussões sobre a infância na contemporaneidade e os desafios impostos pela cultura digital. As transformações tecnológicas ocorridas nas últimas décadas modificaram profundamente as formas de socialização, aprendizagem e entretenimento das crianças. Nesse contexto, Bauman (2007) destaca que a sociedade contemporânea se caracteriza por relações cada vez mais mediadas pelas tecnologias, o que exige reflexões críticas sobre os impactos dessas transformações nas experiências humanas e sociais.

Assim, conclui-se que o uso do uso das telas na infância exige equilíbrio, mediação e responsabilidade por parte das famílias, educadores e sociedade. O problema não está necessariamente na presença das tecnologias, mas no uso excessivo, descontextualizado e sem acompanhamento adulto. Conforme afirma Vygotsky (1998), o desenvolvimento humano ocorre por meio das interações sociais e das experiências culturais.

Desse modo, espera-se que este estudo contribua para ampliar as reflexões acerca dos impactos do uso de telas na primeira infância, incentivando práticas mais conscientes e equilibradas em relação às tecnologias digitais. Espera-se também que a pesquisa possa colaborar com futuras discussões acadêmicas sobre o tema, considerando a necessidade de compreender continuamente as transformações da infância em uma sociedade cada vez mais conectada digitalmente. Dessa forma, reforça-se a importância de garantir que as tecnologias sejam utilizadas como ferramentas complementares ao cotidiano infantil, sem substituir experiências essenciais para a construção das aprendizagens, das relações sociais e da formação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias: após a morte da infância*. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis, 2006.
- CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). *Essentials for parenting toddlers and preschoolers*. Atlanta: CDC, 2018. Disponível em: [Centers for Disease Control and Prevention](https://www.cdc.gov/parenting/toddlers/preschoolers/essentials/). Acesso em: 17 maio 2026.
- CHAVES, Bárbara Santos; CASTRO, Cássia Francisca Silva de; AZEVEDO, Isadora Ferreira Souza de; NEGREIROS, Ívina Lorena Gê; RÊGO, Maria Gabrielle Correia. **O tempo de tela na infância e suas implicações para a saúde física e mental: revisão integrativa**. *Research, Society and Development*, v. 13, n. 7, e8413746333, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v13i7.46333>. Acesso em: mar. 2026.
- CHRISTAKIS, Dimitri A. *Interactive media use at younger than the age of 2 years: time to rethink the American Academy of Pediatrics guideline?* *JAMA Pediatrics*, Chicago, v. 168, n. 5, p. 399–400, 2018. Disponível em: *JAMA Pediatrics*. Acesso em: 17 maio 2026.
- DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8. ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- MORAIS FILHO, Marcelo Henrique Cardoso de. **O uso inadequado das tecnologias digitais na primeira infância e sua relação com a desatenção**. 2024. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicopedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.
- MORAN, José Manuel. *A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2015.
- PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.
- SABAG, Juliana Elias; ARANA, Alba Regina Azevedo. **Telas na infância: implicações para o desenvolvimento global e o processo de aprendizagem**. In:

Educação em Movimento: Práticas, Desafios e Reflexões na Formação de Crianças.
v. 1. 2025. p. 218-226.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Saúde de crianças e adolescentes na era digital*. Departamento de Adolescência. Manual de Orientação nº 1. Rio de Janeiro: SBP, 2016.

SOUSA, Fabiano Alves de; SOUSA, Quemili de Cássia Dias de. Os efeitos do uso intensivo das telas na primeira infância: uma revisão bibliográfica sobre regulação emocional. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 11, n. 11, p. 8851-8853, nov. 2025.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.